

Atividade Experimental Investigativa para Deficientes Visuais no Ensino de Química

Harryson dos Santos Galvão (IC)
Diego Arantes Teixeira Pires (PQ)

PROGRAMA: PIBIC
CAMPUS LUZIÂNIA
DIEGO.PIRES@IFG.EDU.BR

Palavras-chave: Experimentação. Inclusão. Ensino de Química.

Introdução

E educação inclusiva para pessoas com alguma restrição visual ainda é um grande desafio no Brasil. Para esses alunos, Uliana (2015) elucida que se faz necessário que os professores tentem, de alguma forma, colocar-se no lugar do aluno, justamente para tentarem criar adaptações e mudar metodologias, de modo que o processo de aprendizagem se torne melhor e mais atrativo para alunos.

No ensino de química, temos uma limitação ainda maior para alunos com cegueira parcial ou total, pois a química é uma ciência visual, experimental e que emprega muitos modelos visuais. Como TODOS os alunos devem ter contato com atividades práticas na Química, este trabalho apresenta o objetivo de propor uma atividade experimental investigativa para deficientes visuais.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso (GIL, 2017). Os participantes da pesquisa foram alunos de Ensino Médio e um aluno com baixa visão. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário impresso, entrevista gravada com um roteiro semiestruturada e gravação de áudio durante a realização das atividades. Realizou-se a proposição de um experimento investigativo, de baixo custo (utilizando apenas água quente, água fria, garrafa pet e balão) para deficientes visuais. A atividade possibilita abordar o conteúdo de Gases para o Ensino Médio. O experimento foi aplicado e avaliado com um aluno com baixa visão. O experimento também foi aplicado e avaliado com alunos sem restrições visuais, todos vendados, para discutir inclusão nas aulas de Química.

Resultados e Discussão

O experimento proposto foi realizado para atender aos critérios de uma atividade experimental investigativa (FERREIRA; 2010), que são: direcionar a partir uma situação-problema; propor e testar

hipóteses; coletar e o registrar de dados; criar explicações a partir das evidências; estimular a comparação das explicações com outras alternativas e assegurar a oportunidade de debater as ideias.

Pelos relatos da aplicação, notou-se que, antes do experimento, a maioria dos alunos acreditava não ser possível a realização de atividades práticas de Química com deficientes visuais. E a opinião dos alunos mudou ao final da atividade, em que todos indicaram e avaliaram que é possível realizar experimentos de Química para promover e discutir a inclusão social.

Além disso, foi unânime entre os alunos participantes a afirmação de que nunca tinham discutido inclusão social nas aulas de Química. O experimento foi bem avaliado e validado como investigativo com os alunos sem restrição (e todos usando vendas nos olhos), se mostrando uma boa opção para promover aulas práticas e discutir inclusão nas aulas de Química. O experimento também foi bem avaliado pelo aluno com baixa visão, se mostrando uma possibilidade para deficientes visuais também terem contato com experimentos nas aulas de Química.

Conclusões

Foi possível realizar a proposição de um experimento investigativo de Química, e de baixo custo, para deficientes visuais. Além disso, o experimento também pode ser utilizado com alunos sem restrições visuais, possibilitando a discussão de inclusão nas aulas de Química. A educação deve ser inclusiva, e as aulas de Química também devem ser um espaço para a inclusão.

Referências Bibliográficas

Ferreira, L. H. et al; *Química nova na Escola*, 32(2), 101-106, 2010.

Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017.

Uliana, M. R.; Mól, G. S.; *Revista Diálogos*, 3(2), 135–153, 2016.